

## PINTURAS RUPESTRES NA CHAPADA DIAMANTINA-BA: UMA POSSÍVEL MODELAGEM ETNOCULTURAL EXTRATERRESTRE?

José Vicente Cardoso Santos - [prof.vicentecardoso@gmail.com](mailto:prof.vicentecardoso@gmail.com)

Vanessa Nascimento Monteiro - [vmonteiro1907@unijorge.pro.br](mailto:vmonteiro1907@unijorge.pro.br)

Gilson Amorim Carvalho - [gilson.carvalho@unijorge.edu.br](mailto:gilson.carvalho@unijorge.edu.br)

### RESUMO

Os desenhos rupestres são os únicos vestígios deixados de forma consciente e voluntariamente pelos homens pré-históricos. Estes registros são encontrados em todo mundo com diversas características, pictografias, idades e configurações diferenciadas. O seu teor ou a sua informação verdadeira ainda é uma incógnita, até mesmo para os especialistas na área. No Brasil, estes pictogramas são encontrados em diversas regiões. Esta situação tem gerado diversas teorias sobre o tema. Na Bahia o estudo sobre o assunto ainda é restrito e incompleto nas suas análises de conteúdo bem como na localização dos seus sítios. Frente a esta fenomenologia considera-se a hipótese de formação ou informação de conteúdo extraterrestre nos desenhos rupestres encontrados. O objetivo geral da pesquisa é a detecção de evidência de uma possibilidade de existência de uma etnocultura extraterrestre nas pinturas rupestres na chapada diamantina. Os objetivos específicos são: demarcação de critérios etnoecológicos para culturas extraterrestres; catalogação e georeferenciamento de pinturas rupestres e proporcionar uma revisão da literatura na área. Utiliza-se uma metodologia de revisão bibliográfica de caráter descritivo lastreado nas bases de dados elencadas e nos descritores evidenciados. Os critérios para seleção das obras referem-se a publicações entre 1990 a 2011, sendo iniciada a leitura e análise em julho de 2011 e a escrita em agosto/setembro de 2011. Como indexadores foram utilizadas as palavras-chave indexadas diretamente ao tema. Por fim o autor propõe a modelagem etnográfica da pesquisa por meio do sistema de informação geográfica (GIS) através do uso de sensoriamento remoto, GPS e Processamento Digital de imagens.

**PALAVRAS-CHAVE:** Pinturas rupestres. OVNI. Etnografia cultural.

### INTRODUÇÃO

Os desenhos rupestres (DR) são considerados os únicos vestígios deixados de forma consciente e voluntariamente pelos homens pré-históricos, representando os mais expressivos registros do comportamento humano sobre as relações com o meio natural, podendo-se inclusive não ter sido de elaboração diletânica dos mesmos (GOMEZ-POMPA, KAUS, 1992).

Ainda segundo os mesmos autores, os DRs são encontrados em todo mundo, quase com as mesmas densidades e características de conteúdo, com diversas características, pictografias, idades e configurações diferenciadas, não obstante a isto.

O seu teor ou a sua informação verdadeira ainda é uma incógnita, até mesmo para os especialistas na área.

No Brasil, estes pictogramas são encontrados em diversas regiões, muitas delas transformadas, para a sua preservação, em parques nacionais ou reservas ecológicas, tal qual no Parque Nacional da Serra da Capivara e na Chapada Diamantina, conforme ilustrações a seguir:

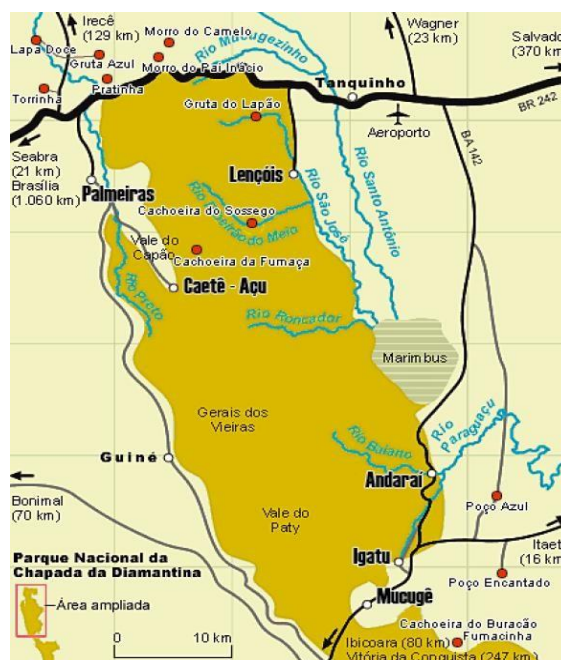


Ilustração 1 Parque Nacional da Chapada Diamantina.

Fonte: Prefeitura de Lençóis-Ba.

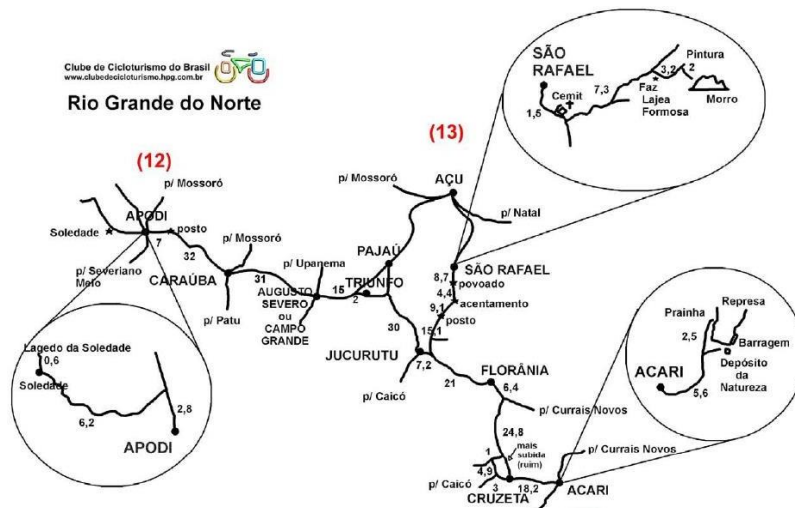


Ilustração 2 Parque Nacional da Serra da Capivara.

Fonte: Disponível em: <http://www.ibge.gov.br>.

No Rio Grande do Norte, na região do Apodi, São Rafael e Acari também encontram-se registros rupestres, conforme ilustração a seguir:

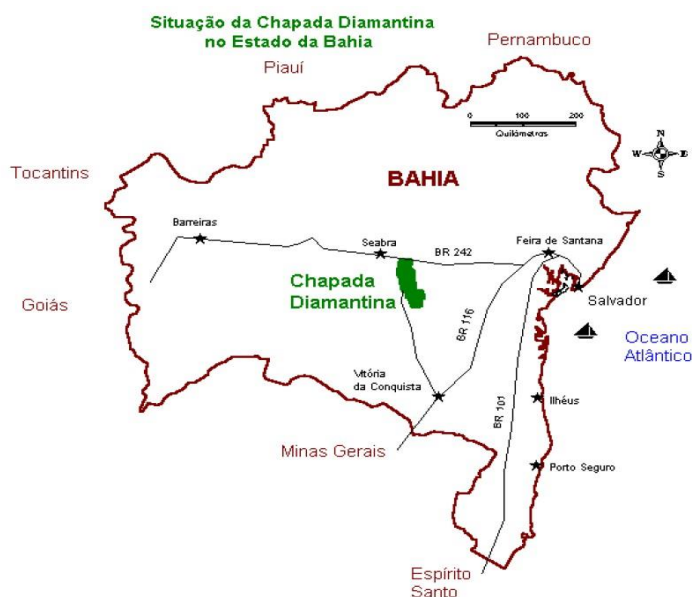
Ilustração 3 Apodi, São Rafael e Acari.



Fonte: Disponível em:  
<http://www.ibge.gov.br>

Esta situação tem gerado, no transcorrer das suas descobertas e registros, diversas teorias sobre o tema. Essas teorias têm abordado inúmeras hipóteses geratrizes com eventuais desdobramentos, científicos, religiosos, étnicos e culturais.

No Brasil, especialmente na Bahia, apesar da grande quantidade de material de arte rupestre localizado, o estudo sobre o assunto ainda é restrito e incompleto nas suas análises de conteúdo bem como na localização dos seus sítios.



*Ilustração 4 Cenário de localização da Chapada Diamantina.*

Fonte: Elaboração do próprio autor.

Na Bahia, as pinturas rupestres são encontradas em abundância em quase todos os municípios da Chapada Diamantina. Verifica-se, na ilustração anterior, a localização relativa da Chapada Diamantina na Bahia (BANDEIRA, 1998).

Frente a esta fenomenologia considera-se a hipótese de formação ou informação de conteúdo extraterrestre nos desenhos rupestres encontrados no interior da Bahia, quiçá outros. Com isto procura-se traçar estratégias de falsear esta hipótese ou de corroborar com a mesma com pesquisas de cunha etnográfico e ecológico. Neste sentido a questão norteadora da pesquisa é: É possível os registros de uma etnoecologia ou etnocultura extraterrestre nos desenhos rupestres encontrados na Chapada Diamantina na Bahia?

A justificativa da pesquisa é baseada na necessidade de: Inserir mais uma hipótese factível de veracidade no conjunto de eventuais realidades dos desenhos rupestres; Preservar o património geo-arqueológico para as gerações futuras; Promover iniciativas para a troca de conhecimento e experiência em qualquer aspecto da variedade, património arqueológico, geológico e geoconservação; Contribui para o conhecimento do património nacional e regional e, pomover a implementação dos inventários com modelos padronizados, para facilitar o conhecimento das variedades locais. Além do exposto, tem-se também a justificativa da oferta de novas possibilidades às teorias de contributo aos desenhos rupestres.

O objetivo geral da pesquisa é a detecção de evidência de uma possibilidade de existência de uma etnocultura extraterrestre nas pinturas rupestres na chapada diamantina. Em desdobramentos do objetivo geral tem-se os seguintes objetivos específicos: demarcação de critérios etnoecológicos para culturas extraterrestres; catalogação e georeferenciamento de pinturas rupestres com uma semiologia propícia á documentação de registros extraterrestres e proporcionar uma revisão da literatura na área bem como evidenciar um novo viés das leituras das pinturas rupestres da chapada diamantina.

## **METODOLOGIA**

Para o desenvolvimento deste artigo foi realizada uma busca sistemática em artigos científicos, manuais do Ministério da Educação e livros além de sítios na internet, em especial as bases de dados da LILACS e do SCIELO, cujos critérios de inclusão foram literaturas e publicações dos últimos dez anos de acordo com a temática.

Considerando que a pesquisa bibliográfica do tipo descritivo refere-se à fundamentação que se adota para tratar o tema e o problema da pesquisa, utilizando a literatura publicada, traça-se um quadro teórico com estruturação conceitual para sustentação e desenvolvimento a pesquisa.

Marconi; Lakatos (2008, p. 56), afirmam que, através da revisão de literatura, pode-se observar uma determinação do estado do pesquisador de descobrir as lacunas existentes e onde se encontra os principais entraves teóricos ou metodológicos inserindo o problema ou pesquisa dentro do quadro no referencial teórico.

Assim, tem-se uma revisão bibliográfica de caráter descritivo lastreado nas bases de dados elencadas e nos descritores evidenciados.

Os critérios para seleção das obras referem-se a publicações entre 1990 a 2011, sendo iniciada a leitura e análise em julho de 2011 e a escrita em agosto/setembro de 2011. Como indexadores foram utilizadas as palavras-chave indexadas diretamente ao tema.

O trabalho de campo envolve: vistorias, inventários e localidade na terra para a construção de uma base de dados para lastro das argumentações das premissas da análise e a documentação dos locais de interesse com fotos e georeferenciamento.

O trabalho de campo será realizado mediante um reconhecimento geral da área, documentação dos pontos de interes com fotos. Realização de Cadastro mediante a aplicação do inventário, avaliação, quantificação e classificação de geositios, e reconhecimento da geologia e geomorfologia para maior informação da dinâmica da paisagem.

A modelagem suporta as informações obtidas a partir do fenômeno espacialmente também exibir seu comportamento no território por meio do sistema de informação geográfica (GIS) através do uso de sensoriamento remoto, GPS e Procesamineto Digital de imagens.

## REVISÃO DE LITERATURA

A chapada diamantina

A Chapada Diamantina é um enorme conjunto geográfico composto de serras, matas, rios e inúmeras cidades classificadas pelo Governo do Estado da Bahia de acordo com as duas principais atividades econômicas que povoaram a região. As cidades sustentadas pela economia agropastoril estão agrupadas sob o nome de zona agrícola enquanto que a região originada pela mineração é conhecida por zona lavrista. Os termos sociedade lavrista, cidade lavrista ou lavras diamantinas são usados por estudiosos para designar o encontro de correntes migratórias e do processo de relações sociais envolvidos com a economia do diamante.



*Ilustração 5 Municípios da Chapada Diamantina.*

A denominação “chapada” é usada no Brasil para nomear as grandes superfícies, por vezes horizontais e a mais de 600 metros de altura. Segundo registros do IBGE, o termo Chapada Diamantina foi utilizado oficialmente pela primeira vez na Resolução nº 124, de 09 de Julho de 1942, da Assembléia Geral do Conselho Nacional de Geografia.

Em 1945, a resolução nº143, de 13 de Julho, fixava a divisão em "Zonas Fisiográficas", entre as quais constava a "Zona da Chapada Diamantina" que integrava os seguintes municípios de acordo com a o quadro a seguir.

Quadro 1 Dados Socioeconômicos dos Municípios da Chapada Diamantina

Município	Área*	População (ano 2000)*				População**	IDH**	Renda per Capta	Percentual da renda proveniente de rendimentos do trabalho, 2000	
	(Km²)	Urbana	Rural	Total	(ano 2007)					
1 Abaira	578	3.559	39%	5.508	61%	9.067	8.638	0,681	102,11	50,99%
2 Andaraí	1.895	7.166	52%	6.718	48%	13.884	14.088	0,569	82,38	47,22%
3 Barra da Estiva	1.402	8.933	37%	15.507	63%	24.440	20.750	0,639	96,16	61,69%
4 Boninal	848	3.821	31%	8.640	69%	12.461	13.227	0,656	76,80	43,37%
5 Bonito	641	5.501	43%	7.401	57%	12.902	13.678	0,591	76,34	60,18%
6 Ibicoara	977	4.016	28%	10.437	72%	14.453	15.856	0,632	120,38	71,23%
7 Ibitiara	1.749	2.714	19%	11.729	81%	14.443	15.802	0,656	81,51	38,94%
8 Iraquara	800	5.330	29%	13.004	71%	18.334	22.607	0,605	71,51	37,28%
9 Itaeté	1.194	5.454	39%	8.552	61%	14.006	14.154	0,582	60,33	42,72%
10 Jussiapé	523	3.766	37%	6.285	63%	10.051	8.465	0,660	98,44	55,26%
11 Lençóis	1.240	6.395	72%	2.515	28%	8.910	9.617	0,614	119,90	57,29%
12 Marconillo Souza	1.162	5.097	47%	5.678	53%	10.775	10.716	0,600	81,82	52,52%
13 Morro do Chapéu	5.532	19.793	57%	14.701	43%	34.494	34.012	0,605	106,80	51,93%
14 Mucugê	2.482	3.317	24%	10.365	76%	13.682	14.131	0,621	80,04	49,90%
15 Nova Redenção	511	4.492	52%	4.144	48%	8.636	8.943	0,587	74,79	49,66%
16 Novo Horizonte	612	2.000	24%	6.502	76%	8.502	10.304	0,658	98,50	30,92%
17 Palmeiras	696	3.999	53%	3.519	47%	7.518	8.040	0,679	113,07	54,88%
18 Piatã	1.508	5.771	30%	13.206	70%	18.977	18.085	0,636	73,38	36,29%
19 Rio de Contas	1.052	5.684	41%	8.251	59%	13.935	13.447	0,653	97,78	48,52%
20 Seabra	2.825	16.749	42%	22.673	58%	39.422	40.543	0,661	110,76	46,19%
21 Souto Soares	1.096	5.080	34%	9.715	66%	14.795	18.013	0,604	76,21	52,11%
22 Utinga	717	11.472	68%	5.417	32%	16.889	19.229	0,596	79,91	62,84%
23 Wagner	416	6.037	67%	2.939	33%	8.976	8.610	0,610	98,96	64,30%
<i>Área total do território</i>	30.456	<i>População Total</i>				349.552	360.955			

\* Fonte: Página do IBGE-Cidades na Internet, disponível em: <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/default.php>, acessado em 23/Out/2008

\*\* Fonte: Atlas do Índice do Desenvolvimento Humano do Brasil, disponível em: <http://www.pnud.org.br/atlas/>, acessado em 23/Out/2008

## A Etnoecologia da Chapada Diamantina

Antes da chegada dos colonizadores portugueses e da implantação da economia mercantil, a Chapada Diamantina era ocupada por tribos indígenas, principalmente os Maracás, pertencentes a grande nação Tapuia. Os Maracás ou Paiaíás ocupavam o Vale do Paraguassú, principalmente a Serra do Ororobó, a Chapada Diamantina Setentrional, Morro do Chapéu e Jacobina (BANDEIRA, 1998).

Ainda segundo o mesmo autor, dentro da mesma nação, pelo sertão baiano, haviam as tribos dos Cariris, Paiaazes, Sapoias ou Sapuias, Cacherinhéns, Tupis, Cariacão, Aracapas e os Tabajaras, todas estas dizimadas ou extremamente fragmentadas e reduzidas durante o processo de colonização e exploração do sertão. O início das entradas dos bandeirantes pelos Sertões datam do final do século XVI , consolidando o processo com o advento da mineração nos finais do século XVII .

Os nativos foram exterminados “num ato explícito de selvageria...” (RIBEIRO, 1995) com os bandeirantes vinham os jesuítas e os colonizadores com o cultivo da cana-de-açúcar, do milho, enfim a lavoura, surgem posteriormente as plantações de café e algodão, no Sul da Chapada e o Gado em Rio de Contas e Arredores. O gado e o algodão foram fatores fundamentais no processo colonizador- mercantilista, ao dar base para o estabelecimento de aldeias e fonte de abastecimento local (RIBEIRO, 1995).

Durante a época do ouro e o início das descobertas de diamante, levas de aventureiros chegavam e iam se instalando nas encostas da Chapada Velha em busca da sorte. De início, o centro diamantífero foi na Serra da Aroeira, na Chapada Velha, durando até 1844. A partir desta data, passou-se a explorar diamante próximo a Mucugê. Houve então uma grande corrida para a região, preservada por séculos pelos Maracás devido ao difícil acesso. Esta Zona passou a ser conhecida com o nome de Lavras Diamantina, abrangendo os municípios de Mucugê, Andaraí, Lençóis e Palmeiras (BANDEIRA, 1998).

Colaboraram com o movimento colonizador, os senhores de engenho, que com as levas de escravos, edificaram vilas e cidades, implantando um poder político feroz, com terras doadas pela corte. Esta elite local, os conhecidos coronéis, enriqueceram nas Lavras mediante trabalho escravo e detinham o poder e controle de grandes levas de terra na região. A Chapada Diamantina hoje é politicamente centrada nas mãos dos grandes fazendeiros (DIEGUES JUNIOR, 1980).

É comum o desconforto, quando se vê na disposição dos motivos, e na variação dos tipos de representações, algo não concebível à interpretação imediata com princípio, meio e fim, ou seja, algo do que está-se acostumado a ter em suas fontes de interpretação - um arranjo combinatório de signos, que pela freqüência de sua ocorrência, e desta com outras freqüências ocorrentes, possa lhe informar o sentido do texto, não obstante, este desconforto nos direciona a uma pergunta fundamental: não seriam nas variações dos arranjos dos signos que se encontrariam as combinações das unidades mínimas da estrutura? Afinal o problema levantado acima é o problema dos pesquisadores de todo o mundo, qual seja, de buscar estruturas que dêem significados à ordem dos signos em relação direta com o espaço que ocupam e a paisagem. Neste cenário pode-se obter como algo factível estruturas de toda ordem. Deste ponto de vista, tal como a aparente multiplicidade de arranjos sígnicos encontrados nos painéis rupestres, como a foto a seguir:

*Foto 1 Geométricos do Sítio Igrejinha (Taquarandi).*



Fonte: Carlos Costa (Fev. 2009).

Em princípio verifica-se um arranjo combinatório de signos, que pela frequência de sua ocorrência, e desta com outras frequências ocorrentes, possa lhe informar o sentido do “texto”.

Signos (pinturas rupestres) como este, aliados a avistamentos históricos e ainda freqüentes de OVNIs<sup>1</sup> na região nos permite refletir sobre se os mesmos não seriam registros antigos dos ainda freqüente OVNIS.

#### A casuística de OVNIs na chapada diamantina

Os relatos de objetos voadores não identificados na região da chapada diamantina são antigos e anteriores até mesmo da criação da ufologia. Verifica-se isto no livro do historiador M. M. Freitas, no livro, “Estradas e Cardos” de 1882, onde o mesmo relata que:

[...] o viajador, quer seja um sábio ou um garimpeiro, um mascate ou um catingueiro, apruma-se e queda-se em pleno sertão e contempla extasiado a natureza criadora e bárbara. Indeciso a princípio e depois, quase sempre como que arrastado por poderosa e estranha força, acenando por paines multiformes, avança certão adentro [...] (FREITAS apud SILVA, 1882).

E o próprio escritor, estando no mesmo período, a caminho do atual município de Mucugê, na Chapada Diamantina, também narra:

[...] amparei os olhos com as mãos apoiadas sobre a testa e divisei além, muito além, na serra azulada distante, um halo de luz multicolor sempre ascendente até desaparecer. Não compreendi aquele fenômeno e julguei uma visão de ótica.[...] (FREITAS apud Silva, 1882).

Estes, e muitos outros relatos, encontrados na literatura documental da região ratificam a veracidade da hipótese do trabalho de pesquisa.

#### A Ecologia Sócial na Chapada Diamantina

A Ecologia Social é, em geral, uma concepção que insere o homem na natureza, sem naturalizá-lo. Trabalha com a noção de complexidade das relações e propõem a ação direta e a busca por justiça social no avanço dos movimentos para sanar a crise ecológica (CALLENBACH, 2001).

---

<sup>1</sup> OVNI é o acrônimo nacional para a caracterização dos **O**bjetos **V**voadores **N**ão **I**dentificados.

Pode-se separar/integrar a ecologia social em duas linhas mais influentes, a Indiana e a Norte-Americana. O termo ecologia social foi cunhado em 1942 por Radhakamal Mukerj, na Índia (ACHUTT I, 1997).

O princípio central da Ecologia Social Indiana é que as sociedades tradicionais têm uma longa tradição de interação com os ecossistemas. Estas sociedades desenvolveram práticas culturais de utilização dos recursos naturais que levaram a um uso sustentável dos bens naturais (FERREIRA, 2007). Apontam que o modo de vida tradicional está cada vez mais desorganizado pela expropriação pelo desenvolvimento econômico, pelo uso de tecnologias novas e destrutivas e perda do controle dos ecossistemas.

A Ecologia Social Norte-Americana têm como precursor o filósofo Murray Bookchin. Esta filosofia militante traz em seu interior uma crítica profunda a atual organização social capitalista e a todas as organizações sociais hierarquizadas. Propõe a ação direta num processo de autogestão comunalista para gerar uma ruptura social que engendrará uma sociedade ecológica orgânica de cunho libertária (FERREIRA, 2007).

Ecologia Social não é um ramo da Ecologia Clássica, nem apenas uma disciplina científica, mas sim uma filosofia e uma ética, que embasa alguns estudos das interações sociedade/ecologia e ações em busca da transformação radical da atual sociedade à uma sociedade orgânica libertária. Propondo formas de organização social horizontalizadas, tecnologias leves e limpas, a autogestão social etc (BEGOSSI, 2001).

Neste sentido, a proposta em questão é, em si, uma aplicação dos estudos da ecologia social, da arqueologia e paleontologia aplicadas concomitantemente aos estudos etnográficos da Chapada Diamantina, e, neste sentido também, a mesma pode servir de lastro para pesquisas futuras da etnografia cultural da região bem como da ufologia brasileira contemporânea.

## INOVAÇÃO NA SOCIOETNOGRAFIA DA CHAPADA DIAMANTINA

A inovação em sociologia ou em etnografia cultural pode passar por uma reavaliação do lugar que nela ocupam os estudos empíricos, por uma colocação à prova quase experimental as construções teóricas e por uma reflexão sobre as formas que pode tomar e que pôde tomar, a tensão entre estas duas exigências.

Neste sentido, esta proposta de pesquisa modifica o local de pesquisa no tempo e no espaço da origem etnográfica e sociológica dos DRs encontrados na chapada diamantina e propõe a análise dos mesmos com um viés ainda arqueológico porém multicultural e até mesmo extraterrestre.

Dentro de uma perspectiva puramente durkheimiana da análise da questão, após os sucessores imediatos do fundador francês (Mauss, Halbwachs, Simiand - cada um representando uma configuração diferente desta sintaxe), tal convicção inova a forma de pesquisa das DRs.

Este novo viés passa a considerar no mínimo os registros de OVNIS por habitantes antigos da região em questão e até mesmo eventuais contatos entre os mesmos. Inova-se na forma de analisar a fenomenologia sem entretanto descartar todas as possíveis verdades para o fenômeno.

Esta nova proposta irá, em desdobramento da sua análise, possibilitar novas pesquisas na região, quiçá em outras, com novos olhares, novos itens de pesquisa, novas possíveis correlações culturais, sociológicas e fenomenológicas. Estes fatos podem gerar uma nova leitura ou um repensar da arqueologia local bem como da socioetnografia da região, em novas análises das suas culturas locais, suas lendas e mitos, possibilitando-se um melhor entendimento da semiótica cultural da região e permitindo ao pesquisador um melhor entendimento dos mitos, dos ritos e dos rituais culturais locais.

## COMENTÁRIOS FINAIS

O presente trabalho propôs uma inicial discussão a respeito da Chapada Diamantina, um lugar ao mesmo tempo tão belo e tão sofrido, tão misterioso e cheio de saberes, extremamente abandonado e muito procurado, tão falado e pouco conhecido.

Inúmeras questões estão em aberto para futuras pesquisas e as conclusões aqui apresentadas são parciais, frutos de uma pesquisa que se propôs, em parte, não conclusiva.

Em especial a possível e factível etnocultura extraterrestre é tema em voga não apenas nos desenhos rupestres, mas em todas as partes das ciências contemporâneas.

Acredita-se que, com esta propositura de trabalho, teremos contribuído para iniciarestudos que subsidiem ações para conservar as riquezas naturais e culturais dos desenhos rupestres da Chapada Diamantina, quiçá de todo o território nacional.

Assim, com esta proposta, considerada polêmica e ousada, acredita-se também na real viabilidade de visitas extraterrestres anteriores á nossa contemporaneidade bem como a documentação da mesma.

Nada mais justo então, a real inserção, nos meios acadêmicos deste tema tão polêmico, místico e mítico.

## REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 6023**: informação e documentação: Referências: elaboração. Rio de Janeiro, 2002.

\_\_\_\_\_. **NBR 6024**: informação e documentação: Numeração progressiva das seções de um documento escrito: apresentação. Rio de Janeiro, 2003.

\_\_\_\_\_. **NBR 6027**: informação e documentação: Sumário: apresentação. Rio de Janeiro, 2003.

\_\_\_\_\_. **NBR 10520**: informação e documentação: Citações em documentos: apresentação. Rio de Janeiro, 2002.

\_\_\_\_\_. **NBR 14724**: informação e documentação: Trabalhos acadêmicos: apresentação. Rio de Janeiro, 2006.

\_\_\_\_\_. **NBR 15287**: informação e documentação: Trabalhos acadêmicos: apresentação. Rio de Janeiro, 2006.

ACHUTT I, L.E.R. **Fotoetnografia**: um estudo de antropologia visual sobre cotidiano, lixo e trabalho. Porto Alegre: Tomo Editorial/Livraria Palmarinca, 1997.

BALANTIER, G. **A desordem e o elogio do movimento**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

BANDEIRA, R. L. **Chapada Diamantina**: história, riquezas e encantos. 3ª edição, Salvador: Onavlis Editora, 1998.

BEGOSI, A. s/d. **Resiliência e populações neotradicionais**: os caiçaras (Mata Atlântica) e os caboclos (Amazônia, Brasil). In: DIEGUES, A.C e MOREIRA, A. de C.C (Org). Espaços e recursos naturais de uso comum. São Paulo: NUPAUB/USP, 2001.

CALLENBACH, E. **Ecologia**: um guia de bolso. São Paulo: Editora Peirópolis, 2001.

DIEGUES JUNIOR, M. **Etnias e Culturas no Brasil**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1980.

DIEGUES, A. C. **A construção de uma nova ciência da conservação para áreas protegidas neotrópicas**: a etno-conservação. ACIMA - Debates Sócio Ambientais, ano 5, nº 13, 1999.

FERREIRA, J.M.C. **Ecologia Social e desenvolvimento**. Lisboa: xerox, s/d. 2007.

GOMEZ-POMPA, A.; KAUS, A.1992. **Domesticando o mito da natureza selvagem**. In: DIEGUES, Antonio C. (Org). Etnoconservação: novos rumos para proteção da natureza nos trópicos. São Paulo: Editora Hucitec: NUPAUB/USP, 2000.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de. **Fundamentos da metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2008.

LEFF, E. **Epistemologia ambiental**. São Paulo: Cortez Editora, 2001.

**Métodos e coleta de dados em etnobiologia, etnoecologia e disciplina correlatas**. Rio Claro: UNESP/CNPQ, 2002: 31-46.

RIBEIRO, D. **O povo brasileiro**: a formação e sentido do Brasil. 2ª edição, São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SILVA, Willy. A casuística ufológica da chapada diamantina. Revista UFO. Disponível em: <http://www.ufo.com.br/artigos/a-casuistica-da-chapada-diamantina>. Acesso em: 20 jul 2011.